

## PRIMEIRA MESTRA, SALVA-NOS!



**E**ra o mês de dezembro de 1991. Muitos anos se passaram, mas a experiência que vivi ficou impressa no meu coração como se tivesse acontecido ontem.

Eu estava em Kisangani, no Congo, e havia poucos dias que a cidade fora invadida por uma multidão de militares preparados para a guerra. A desordem, os saques, o medo e a morte reinavam soberanos. Todos os habitantes ficavam fechados em suas casas. Era uma cidade fantasma. Também nós fechamo-nos em nossa casa por medo dos militares que passavam, sobretudo nas comunidades religiosas e nas paróquias, para pedir, às vezes com a força, meios de transporte. Ninguém podia sair ou tinha a coragem de sair para dar uma olhada para fora do portão, nem tinha coragem de olhar pelas janelas o que estava acontecendo nas ruas. Tiros com armas de fogo estalavam em todos os lugares e o medo invadiu o nosso coração.

A nossa casa estava situada à beira da avenida central. Éramos três na comunidade. Num determinado momento, percebemos uma calma aparente, as armas haviam-se calado e nas estradas circulavam apenas militares armados e drogados. Uma das irmãs teve a coragem de sair do portão para dar-se conta da situação. Tudo parecia calmo. Improvisamente, encontrou-se diante de alguns jovens militares armados e com más intenções. Ela procurou se retirar às pressas, mas eles foram mais rápidos, impedindo-a, com os pés, de fechar o portão.

Encontrou-se frente a frente com militares armados, com olhos vermelhos e raivosos. Uma segunda irmã, vindo-a em perigo, foi em sua ajuda. Os soldados pediram-nos o nosso carro e insistiam em querer entrar.

Eu, que me encontrava dentro de casa, resolvi também sair. Por fortuna não me viram e, rapidamente, retornei em casa. Terrorizada, fui à capela e de joelhos, de braços erguidos rezei a Mestra Tecla: *Primeira Mestra: salva-nos!* Fiquei com os braços erguidos em atitude de súplica. O que eu poderia ter feito naquele momento a não ser rezar? Se os militares tivessem entrado, não teríamos saído vivas... talvez vivas, mas muito maltratadas. As irmãs contaram-me que a certo ponto os olhos dos militares transformaram-se e eles se retiraram. Reencontramos-nos abraçadas umas às outras na capela, emocionadas e chorando, pelo sério perigo que passamos.

Obrigada Primeira Mestra por ter estado conosco e ter salvado a nossa vida. Quem sabe quantas vezes naqueles dias, discretamente, ela salvou suas filhas no Congo.



### *Tecla, Primeira Mestra*

*Não te conheci,  
mas ouvi falar de ti.  
Não te conheci,  
mas li sobre ti e de ti.  
Não te conheci  
mas eu vi e senti teus olhos  
belos e penetrantes.  
Não te conheci,  
mas me falaram de tua oração,  
de tua humildade,  
de tua fé.  
Eu não te conheci,  
mas às novas gerações  
falarei ainda de ti.*

*Carla Dugo, fsp*